

## **Narrativas como arte da experiência dialógica: entre textos verbais e multimodais**

**Ilsa do Carmo Vieira Goulart<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Ao considerar que a leitura acontece de forma ampla e dinâmica, o leitor, ao entrar em contato com o texto – oral ou escrito –, portanto, mediado ou não por um contador/narrador, estabelece uma relação de proximidade, criada a partir da experiência da ação dialógica entre o sujeito-leitor (leitor-ouvinte/ leitor-visual/ leitor digital) e a narrativa (oral, escrita, visual ou multimodal). Diante disso, este ensaio tem por objetivo refletir sobre a narrativa como arte da experiência dialógica, apoiando-se na concepção de linguagem como interação verbal, na perspectiva bakhtiniana, e de experiência, como aquilo que nos passa, segundo Jorge Larrosa. A reflexão aponta que a narrativa oral, quando potencializada pela ação de um contador/narrador, pode criar condições para que aconteça uma experiência dialógica entre o leitor e a narrativa. Experiência que se caracteriza pela ação mobilizadora de relações e interações entre sujeitos por meio da linguagem, capaz de formar e transformar esse leitor.

Palavras-chave: narrativas; contação de histórias; narrador.

*Recebido em: 07/04/25 | Avaliado em: 22/08/25  
Publicado em: 20/05/26*

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Estágio de Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Barcelona. Docente do Departamento de Gestão Educacional, Teoria e Práticas de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Coordenadora do Núcleo de Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita - NELLE/UFLA. Bolsista Produtividade FAPEMIG/CNPq. E-mail: [ilsa.goulart@ufla.br](mailto:ilsa.goulart@ufla.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9469-2962>.

**Como citar:**

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Narrativas como arte da experiência dialógica: entre textos verbais e multimodais. *PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, Niterói/RJ, Ano 16, n. 30, p. 01-17, 2026. DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v16i30.66805>.



## Tomar a palavra...

*As palavras são portas e janelas.  
Se debruçamos e reparamos, nos inscrevemos na paisagem.  
Se destrancamos as portas, o enredo do universo nos visita.  
Bartolomeu Campos de Queirós (2012, p. 61)*

Neste texto, trago uma reflexão sobre as palavras contadas ou narradas como uma forma de manifestação de experiência da linguagem, como forma de expressão e de interação. Para isso, recorro à prosa poética de Queirós (2012, p. 61), quando as define como “portas e janelas”. A partir dessa metáfora, convido o leitor a pensarmos sobre o que teria motivado essa comparação, o que teria inspirado o escritor a fazer tal analogia? Seria com base nas características físicas que uma porta e uma janela apresentam? Seria pelas funções que exercem em nossa vida, por fazerem parte de nossas ações diárias? A resposta a essas inquietações poderia estar na função de conectar ou desconectar quem, ou o que, está no interior ou no exterior de um ambiente; poderia ser pela função de mobilidade que as portas e janelas nos possibilitam, visto permitirem às pessoas exercer a ação de abrir ou fechar, de trancar, destrancar ou entreabrir, de apenas olhar, admirar, espiar, de sair ou entrar, o que depende diretamente dos interesses, das intenções, das necessidades, das percepções, dos desejos dessas pessoas.

Mas o olhar de um escritor vai além da rusticidade do visível, prefere enfrentar as levezas do imprevisível e, assim, explorar as forças mais profundas que as conotações podem oferecer ao texto. Ele trabalha num ato de ludicidade em ares imaginativos com a narrativa. Uma porta e uma janela podem representar muitas coisas, podem ser a chave para uma passagem de um ato criativo e produtivo, do ir além de si mesmo, que exige sair do estado inicial para outro lugar, na simbologia do ato de se abrir e de se fechar para o mundo, para o outro, para as vozes interiores e exteriores, numa busca incansável dos sentidos que as palavras podem provocar. Aqui articulo uma reflexão a partir das palavras escritas, da provocação que elas emitem ao leitor, porém, ao acompanhar a contação oral de uma história, é possível perceber que as ações de ouvir, de olhar e sentir também se sujeitam ao ato interpretativo.

Nesse sentido, as palavras, quando narradas, parecem ter função análoga à de uma porta ou janela, quando exercem a conexão entre o real e o imaginário, entre o possível e o impossível, entre o fazer concreto e o pensar fabuloso. A mobilização conotativa é possível tanto na produção quanto na leitura da narrativa, haja vista que pode acontecer



a partir de ações que mobilizam a sensibilidade escritora e leitora, como olhar, ouvir, sentir, sorrir, imaginar, compreender, encantar, entre outras tantas ações de um escritor e de um leitor-ouvinte/ leitor-visual/ leitor-digital que se deixam envolver pela magia das palavras, gestos, sons e imagens. Tais ações se concretizam balizadas também por interesses, por necessidades ou por desejos de um sujeito sedento pelas palavras. Essa mobilidade conduz ao envolvimento quando “nos inscrevemos na paisagem”, segundo Queirós (2012, p. 61), ou melhor, quando nos possibilita o encontro, a experiência dialógica.

Por isso, conforme aponta Machado (2004, p. 34), a narração tem como sua natureza fundamental possibilitar “[...] diversas situações de encontros humanos”. Uma criança, quando se aconchega no colo de seus pais para ouvir uma história ou quando, em uma sala de aula, sentada em uma roda, busca estar mais próxima do professor-contador de histórias, faz parte de uma cena em que ocorrem encontros humanos entrelaçados pela narração.

Podemos denominar de encontro porque se trata de uma relação concreta entre dois sujeitos, um autor e um leitor, e, no caso de uma narrativa oral, haverá um narrador/contador<sup>2</sup> e um leitor-ouvinte<sup>3</sup>, um leitor-visual<sup>4</sup>, um leitor-digital<sup>5</sup>, ambos em intensa conexão por meio de um enredo narrativo. Assim, confiante nesse encontro por meio das palavras, sejam elas lidas ou oralizadas, compartilho uma dessas experiências fabulosas e provocadoras de arte imaginativa.

---

<sup>2</sup> Utilizaremos a expressão narrador/contador na compreensão de que essas duas palavras representam em relação à arte da narrativa oral, tomando como subsídio teórico de “narrador” a concepção de Benjamin (1994), como aquele que tem algo a contar, por ter vivenciado aventuras distantes, ou como aquele que narra vivências cotidianas; contador, como aquele que compreende uma narrativa e elabora estratégias de um roteiro narrativo, utiliza-se de recursos como figurino, objetos, sonoplastia, entre outras formas de expressão para incorporar ao texto (Machado, 2004).

<sup>3</sup> Neste texto a expressão leitor-ouvinte se baseia na definição proposta por Bortolin (2010, p. 22): “leitor-ouvinte é todo indivíduo que tem a sua leitura mediada, isto é, que recebe a interferência oral de um mediador para se encontrar com diferentes textos, podendo também ser chamado de leitor que lê com os ouvidos”.

<sup>4</sup> Utilizaremos essa expressão “leitor-visual” por retratar a ação do leitor diante de uma narrativa visual, que segundo Goulart (2024, p. 313) esta “paisagem construída pelos enunciados não verbais se mostra instigante à reflexão e à identificação do leitor. Nessa vertente discursiva, pode-se destacar o livro de imagem como material concreto da compreensão leitora, por trazer em si uma linguagem repleta de enunciados, que permite ao leitor a interlocução com o texto visual”.

<sup>5</sup> Entende-se leitor-digital como aquele leitor capaz de realizar uma leitura digital, que remete “à compreensão de textos disponíveis em ambientes e dispositivos digitais como computadores, *tablets* e *smartphones*. Do ponto de vista cognitivo, essa leitura traz os mesmos desafios da leitura no impresso: lidar com informações, atribuir sentidos, refletir, julgar a relevância e a validade da informação” (Cascarelli, Gomes, 2022, p. 134). Tal leitura demanda demanda do leitor duas competências: a navegação, que é a busca e a seleção de informações, que se refere ao letramento digital, e a leitura.



Quando criança, ouvia histórias de assombrações e narrativas de causos contados por meu pai. As palavras oralizadas e dramatizadas eram acompanhadas da destreza de um texto narrado, que envolvia aquele público nas noites de fim de semana no alpendre de nossa casa. Os causos, sobre o que ele havia visto ou ouvido, eram contados em primeira pessoa do singular ou plural, entre uma mistura de ficção e realidade, de enredos trágicos e cômicos, de situações assustadoras e outras folclóricas. Entre outras tantas, havia recontos daquilo que um dia fora uma situação de luta e desventura, tendo sido contado pelo pai do pai, ou pelo pai do avô, pelo compadre distante ou por um conhecido já desconhecido. Eram tantos personagens envolvidos e situações fabulosas que geravam dúvida nos espectadores quanto à veracidade de cada palavra, o que tornava necessário reafirmar, a cada desfecho, que aquilo realmente acontecera.

O público era sempre bem diversificado quanto à idade, pois, além dos filhos, sobrinhos e amigos, também vinham vizinhos, tios, compadres e comadres. Eram basicamente os mesmos: as pessoas, o contador e os causos, entretanto isso não minguava que os olhares se mantivessem atentos e curiosos na condução da contação. Vez ou outra, os contadores se alternavam, o que parecia ser uma inspiração para meu pai tomar a palavra e apresentar outros causos. A noite avançava entremeada de histórias que nos provocavam medo e risos, causos assustadores e divertidos, porém não se esgotava a curiosidade do público, pois parecia que:

As palavras dançavam no ar, em espaços que desconhecia. O desejo era o findar das histórias infundáveis, criadas e ampliadas, com intencionalidade, para atrair a atenção de um público constituído por familiares, amigos e até curiosos, que enchiam o alpendre da casa. Por vezes, as histórias recontadas, já conhecidas, eram reavivadas e replicadas pela voz, narradora e inebriante, de um pai contador causos em noites estreladas... (Goulart, 2018, p. 21).

Assim, ao lembrar as experiências proporcionadas pela contação de causos e histórias de minha infância, recupero a compreensão de um momento em que fui envolvida pela linguagem, pela arte da expressividade, que me permitiu o envolvimento com a narrativa oral, por meio de uma experiência sensível com a palavra, quando, ao debruçar-me na paisagem dos contos e causos, permitia que o “enredo do universo” me visitasse (Queirós, 2021, p. 61).

Os causos compõem um texto na oralidade, em que integram elementos narrativos em ação dialógica por meio de um contador-narrador como sujeito que movimenta a palavra; de um enredo que articula um tema, um assunto em questão; dos personagens



reais ou fictícios; de um tempo e um espaço ao emitir: “certa vez, quando meu avô...”; “um dia, quando passava por aqui...” ou “quando meu pai era criança...”, situa e aproxima um contador/autor de um interlocutor (que pode ser um leitor, um leitor-ouvinte ou leitor-visual) por meio de um contexto narrativo (oral ou escrito). Ou seja, cria-se uma rede dialógica entre sujeitos, movida por uma atividade de contação que é dirigida a alguém. A condução de uma narração de histórias toma como norte seu público, por isso um narrador depara-se com a necessidade de conhecer a quem está narrando, de compreender aquele de quem a palavra espera uma ação responsiva.

Neste texto, tomo a palavra para tecer uma rede dialógica com os leitores que aqui se dispõem a acompanhar esta escrita. Posso imaginar que serão leitores sedentos de saber um pouco mais sobre o que seria contar ou narrar uma história, ou mesmo leitores-pesquisadores que se aproximam da roda temática para tecer outros textos. Por isso, esta escrita tem como objetivo refletir sobre as narrativas como arte de uma experiência dialógica, na qual a linguagem é compreendida como interação verbal. Assim, juntando palavras e pensares, proponho uma reflexão das narrativas a partir de duas vertentes teóricas: a perspectiva enunciativa-discursiva da linguagem de Bakhtin (2006), Bakhtin e Volochínov (2012), e a experiência como aquilo que nos passa, segundo a concepção de Benjamin (1994) e de Larrosa (2006; 2003; 2002).

### **A narrativa como arte dialógica**

Por meio dos causos contados, meu pai buscava estabelecer uma relação de proximidade com o público presente. Como um bom contador, mantinha-se atento ao cadenciar da narrativa, observava se as pessoas compreendiam a história, se concordavam, se gostavam, se achavam engraçado ou não, cumprindo, com isso, a função de atrair e manter a atenção do público. Essa integração entre o contador/narrador e os sujeitos leitores-ouvintes perpassa a compreensão de que a “palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor”, e, conforme explicam Bakhtin e Volochínov (2012, p. 116), a forma de organização da linguagem altera-se de acordo com o grupo social em que este sujeito está inserido. Trata-se de uma função dialógica da linguagem, que tem como prioridade ser comunicativa e expressiva frente ao seu interlocutor, em que a linguagem, manifestada, aqui, por meio de uma narração, é organizada e reorganizada em consonância com o sujeito que narra (ou que escreve) e



aquele a quem se dirigem as palavras.

Ao considerar a linguagem como forma de expressão, na qual a enunciação é “[...] produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”, como afirmam Bakhtin e Volochínov (2012, p. 116), a palavra, entendida como linguagem, dirige-se a alguém e está em função de um interlocutor, por isso o modo de organização pode variar conforme a pessoa a quem se direciona. A linguagem em forma de discurso é composta por enunciados que se estendem, destinam-se a outrem, ou seja, a elaboração do discurso submete-se ao destinatário e, ao mesmo tempo, é arrebatada pelas palavras evocadas e pela resposta emitida pelo interlocutor.

Para compreender essa ação dialógica que acontece durante a narração de histórias, podemos considerá-la a partir de um movimento em espiral, onde o contador/narrador constrói e reelabora a narrativa, conforme as reações de seus leitores ouvintes, em ações como: alterar o tom de voz, estender, encurtar ou reelaborar uma cena, enfatizar uma fala, priorizar ou omitir um detalhe da história. É esse movimento em espiral da linguagem, em que os enunciados se encontram e constituem significados, produzindo uma resposta no processo de comunicação, que podemos denominar ação dialógica da linguagem.

Para Bakhtin e Volochínov (2012) há uma dialogização interna da palavra, sendo ela perpassada pela palavra do outro, portanto o que ouvimos, comentamos, silenciamos, expressamos está impregnado por dizeres de outros. Para os autores, a centralidade e a organização de toda expressão provêm da exterioridade, de modo que “[...] todo discurso é ocupado, atravessado pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”, conforme descreve Fiorin (2006, p. 19).

Uma narrativa não integralmente original em sua essência, o enredo se apresenta, muitas vezes, construído de fios entremeados de outras tantas narrativas, um dia ouvidas ou apreciadas, formando uma rede dialógica emaranhada de ecos de outros contos, contados à maneira daquele narrador. O dialogismo é compreendido tanto pela esfera de que nossos enunciados estão envoltos por outros enunciados, como também pela esfera da ação responsiva, por provocar uma resposta no interlocutor frente ao enunciado dado, ou seja, como asseguram Bakhtin e Volochínov (2012, p. 300), por ser “[...] o elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas e



ressonâncias dialógicas”.

Assim, o texto produzido na oralidade ou na escrita, que outrora apenas era contado ou narrado, agora pode ser lido, dramatizado, digitado, exibido em telas multimídias, gravado em áudios ou em vídeos e, entre essas e tantas outras possibilidades, configura-se em uma expressão enunciativa-discursiva da linguagem, por provocar no leitor uma ação responsiva. Não ficamos alheios ao que lemos e ao que ouvimos, ao que nos é lido ou narrado ou, de modo mais específico, ao que nos é contado, visto que reagimos a essa forma de leitura, interagimos com o contexto narrativo, apreciando-o ou até mesmo refutando-o, para atribuir-lhe um sentido.

### **As narrativas como arte experienciada**

Os causos recebiam um tom de veracidade e talvez tivessem mesmo acontecido, creio que não exatamente daquela forma, porém, ao descrever as ações como um feito nobre, corajoso ou destemido, como algo miraculoso ou inesperado, arrancava-se do público um olhar de espanto e admiração, utilizavam-se expressões verbais na primeira pessoa (singular ou plural) para demonstrar o envolvimento com o fato ocorrido e dar mais legitimidade à história, como “vi com meus próprios olhos, que um dia a terra há de comer...”; “então, eu decidi enfrentar aquela escuridão...”; “eu e meu pai pegamos aquela direção e seguimos na picada...”, entre tantas outras.

Para trazer essa dimensão da narrativa como arte da experiência, é interessante destacar dois pontos de argumentação: o primeiro refere-se ao fato de que as palavras contadas nos causos vinham entremeadas de realidade e ficção, um contexto que remetia à experiência, muitas vezes sensível, do cantador que era reproduzida pela expressividade da linguagem. Isso porque, ao contar ou narrar causos e/ou histórias, se estabelecia uma relação permeada pela dialogicidade, pois “[...] a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”, na perspectiva de Benjamin (1994, p. 2).

Nesse sentido, contar ou narrar parte da dimensão de uma experiência dialógica vivenciada, primeiramente, por esse sujeito ser um leitor de palavras – essa linguagem em movimento – que compõem o mundo que o envolve: seja ao ouvir o sussurrar de sonhos ou pesadelos, ao balbuciar anseios ou medos; seja ao compartilhar fatos ou



acontecimentos inesperados; seja ao ouvir causos, lendas, mitos; seja na vivência das situações mais inusitadas, entre tantas outras possibilidades.

As palavras vividas e experienciadas tornam-se únicas, próprias daquele sujeito, primeiro pela singularidade dele. Essa característica singular tem a força e a intensidade da originalidade, pois o que se vivencia em uma determinada situação provoca sentimentos e reações que não serão os mesmos de outrem. Para Larrosa (2002; 2003; 2006), essa experiência configura-se de um saber finito, que revela a singularidade do ser, um saber particular, que reflete a subjetividade dos sujeitos, um saber encarnado, ou seja, trata-se de “[...] un saber que no puede separarse del individuo concreto en quien encarna” (Larrosa 2003, p. 34)<sup>6</sup>.

Segundo, porque as palavras agem em ação múltipla, não se esvaem na interioridade do sujeito, mas antes se multiplicam, se adicionam a outras vivências. O contador ou o narrador torna-se aquele sábio, que tem uma história para cada situação, o que o habilita a comentar, aconselhar, opinar, discordar ou transformar uma situação trágica em risos, pois ao longo dos anos acumulou experiências suas e de outrem que lhe possibilitam ver o ocorrido com leveza e sarcasmo. O contar ou narrar passa a ter uma relação com a arte da expressividade, da articulação da linguagem em sua inteireza e simplicidade, visto que,

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará na sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado cada vez mais raro (Benjamin, 1994, p. 204).

Essa camada de profundidade de apropriação da linguagem parece estar se perdendo com as mudanças sociais e culturais, sinalizando temeridade, pois, se a humanidade não direciona mais o olhar sobre a experiência de vida, “[...] desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade de ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas”. (Benjamin, 1994, p. 205).

O que se perde é a sensibilidade social como característica humana, como a força motriz das relações interpessoais, se perde a possibilidade de expressividade e de manifestação artística, se perde a capacidade imaginativa, pois refere-se à experiência

---

<sup>6</sup> Cf. “um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna” (tradução da autora).



que provoca naquele espectador que acompanha inebriado a narrativa, ou melhor, naquele leitor-ouvinte. Ouvir uma história/causo nos conduz a um estado de leitura, pois acionamos a compreensão leitora do texto oral compartilhado. Na mesma intensidade de envolvimento afetivo e/ou de curiosidade, podemos destacar aquele leitor que acompanha pelo olhar atento as ilustrações de um livro de imagens, seguindo de forma compenetrada as cenas de uma narrativa visual. Ou ainda, um leitor diante do texto em tela que se demonstra inebriado pela narrativa multimodal, deslizando-se pela tela, produzindo sentidos entre sons, imagens, escritos, cores, movimentos etc., numa efusão de linguagens.

Quando reportamos ao gênero narrativo (oral, escrito, visual ou multimodal), podemos dizer que a leitura, nesse caso, nos remete à nossa experiência e essa, por sua vez, decorre também de nossa capacidade de narrar e de transmitir as histórias que ouvimos, por isso seria “[...] graças a essa capacidade de narrar e de intercambiar experiências que aplacamos nossas angústias diante da efemeridade da existência”, conforme apontam Goulart e Lobo (2016, p. 14).

Por isso, ao entender que o ato de leitura acontece de forma ampla e dinâmica ao estabelecer com o leitor uma relação de proximidade com o texto, no caso produzido na oralidade, cria-se um ato dialógico entre o sujeito-leitor<sup>7</sup> e o texto (verbal ou multimodal). Diante disso, compreendo que tanto a narrativa oral quanto a escrita podem criar uma experiência de leitura, isso porque a “[...] criança mistura-se com as personagens de maneira muito mais íntima do que o adulto. É atingida pelo acontecimento e pelas palavras trocadas de maneira indizível, e quando se levanta, está inteiramente envolta pela neve que soprava da leitura” (Benjamin, 2002, p. 105).

Durante os momentos de contação de causos, havia uma espécie de tratado de interesses entre os leitores-ouvintes e o contador, quando um atendia à expectativa anunciando um caso ou quando atendia a solicitações de repetições: “conta de novo”, “conta aquela história que...”. Por isso, essa forma de leitura exige a capacidade de escutar ou ler não apenas com os olhos ou com os ouvidos, mas também com a sensibilidade, com as emoções. Pois, mais que se colocar frente ao texto, muitas vezes estes leitores-ouvintes

---

<sup>7</sup> A expressão sujeito-leitor é definida por Goulart (2023, p. 21) a partir da perspectiva discursiva e dialógica de leitura, “Compõe-se a ideia de sujeitos, longe da passividade ou apenas da receptividade acumulativa, como aqueles que atuam com e sobre a linguagem, já que “os sujeitos não adquirem a sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência” (Bakhtin; Volochínov, 2012, p. 111).



se sentem parte da história, estabelecendo uma relação de pertencimento e de intimidade, rumo à compreensão leitora, para que seja possível obter a autoformação e transformação (Larrosa, 2003), que pode ocorrer numa dimensão interior com a mudança de conceitos, de modos de percepção, de compreensão, de posicionamentos, entre outras, ou exterior, como por exemplo alterações na forma de se produzir.

No caso de uma narrativa visual, acontece uma série de movimentos interpretativos onde o leitor-visual se esforça em relacionar o encadeamento de imagens para produzir sentidos. O que requer um aprendizado do leitor para essa capacidade, a qual chamamos de educação para o olhar (Ramos, 2013; Naves, 2019; Naves, Goulart, 2024), a partir da qual descreve a leitura como atividade de apreciação, na qual as imagens são como paisagens do real atreladas ao imaginário infantil (Goulart, 2024). As imagens nos livros de literatura infantil têm proporcionado reflexões às crianças, assim como, a compreensão do que está ao seu redor.

Em relação às narrativas digitais, elas se configuram de forma multimodal, o que exige do leitor outros modos de interagir com o texto. Demanda do leitor um certo grau de letramento digital, para explorar alguns elementos atrativos, abas de acesso, com ícones de entrada e saída, acesso e partes ou outras histórias, enfim, o domínio do manuseio do artefato compõe o jogo de leitura dessa materialidade digital das narrativas. O leitor passa a interagir com a história de acordo com seus próprios comandos, em comparação ao “enredo da história em tempos passados que era feito no entorno da fogueira harmonizam vozes, sons, textos, imagens em torno de diferentes recursos tecnológicos para elevar a experiência do leitor e aproximá-lo, o máximo possível, da realidade” (Laudares, Goulart, 2019, p. 124), temos hoje as luzes das telas que brilham diante dos olhares curiosos e ativos dos leitores, trazendo outras experiências com a multimodalidade textual.

O sujeito-leitor estabelece uma relação com o texto (contado, cantado, narrado, lido, visualizado) que Larrosa (2003, p. 30) define como “[...] formación como lectura”, por isso “esa relación tiene una condición esencial: que no sea de apropiación sino de escucha. O, dicho de otro modo, que lo otro permanezca como otro y no como ‘otro yo’ o como ‘otro desde mí mismo’”<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Cf. “essa relação tem uma condição essencial: que não seja de apropriação senão de escuta. Ou, dito de outra maneira, que o outro permaneça como outro e não como ‘outro eu’ ou como ‘outro desde mim mesmo’ (tradução da autora).



Essa relação de escuta remete à prontidão e à receptividade daquilo que nos é oferecido em forma de palavras (orais, escritas, gestuais, visuais, dramatizadas, digitalizadas, fílmicas) numa relação de reciprocidade em que na

escucha uno está dispuesto a oír lo que no sabe, lo que no quiere, lo que no necesita. Uno está dispuesto a perder pie y a dejarse tumbar y arrastrar por lo que le sale al encuentro. Está dispuesto a transformarse en una dirección desconocida. Lo que, en relación al texto, acontece, es algo que no puedo reducir a mi medida. Pero es algo de lo que puedo tener una experiencia en tanto que me transforma<sup>9</sup>. (Larrosa, 2003, p. 30).

Para Larrosa (2003, p. 39), “La actividad de la lectura es a veces experiencia y a veces no”<sup>10</sup>. Para o autor, é uma experiência de leitura quando é um acontecimento. Não pode ser uma ação premeditada, de causa e efeito a partir de intenções pedagógicas, de atividades planejadas para esse fim, porque somente “[...] cuando confluye el texto adecuado, el momento adecuado, la sensibilidad adecuada, la lectura es experiencia” (Larrosa, 2003, p. 40)<sup>11</sup>.

O que não dá garantias de que a experiência ocorra, pois a leitura de uma mesma obra pode ser experiência para um leitor e não ser para outro, ou o mesmo leitor ao revisar uma obra pode ter outra experiência. A leitura não se constitui em um ato previsível, não é a mesma nem para o mesmo leitor, por isso a experiência não pode ser prevista pelo leitor, pelo mediador e/ou pelo contador. A leitura torna-se um ato único, conforme afirma Goulemot (2001, p. 116): “[...] a cada leitura, o que já foi lido muda de sentido, torna-se outro”. Traz como característica a pluralidade, o que é discutido por Bourdieu e Chartier (2001, p. 242), que, ao explicitar sobre essa tensão no ato da leitura, destacam: “[...] as leituras são sempre plurais”.

Por isso a experiência da leitura tem certo grau de incerteza e imprevisibilidade, em que não se pode precisar como a narrativa será recebida pelo leitor, qual compreensão será construída ou qual resposta obteremos com aquele texto: “[...] puesto que no puede anticiparse el resultado, la experiencia de la lectura es intransitiva: no es el camino hacia un objetivo pre-visto, hacia una meta que se conoce de antemano, sino que

---

<sup>9</sup> Cf. “[na] escuta um está disposto a ouvir o que não sabe, o que não quer, o que não necessita. Um está disposto a perder o pé e a deixar-se tombar e arrastar por aquilo que saiu ao encontro. Está disposto mudar para uma direção desconhecida. O que, em relação ao texto, acontece, é algo que não posso reduzir a minha medida. Mas é algo de que posso ter uma experiência contanto que me transforme” (tradução da autora).

<sup>10</sup> Cf. “a atividade de leitura é às vezes experiência e às vezes não” (tradução da autora).

<sup>11</sup> Cf. “quando conflui o texto adequado, o momento adequado, a sensibilidade adequada, a leitura é experiência” (tradução da autora).



es una apertura hacia lo desconocido, hacia lo que no es posible anticipar y pre-ver” (Larrosa, 2003, p. 41)<sup>12</sup>.

Da mesma forma que a leitura de uma obra provoca no leitor experiências plurais, o leitor também está sujeito às diversas provocações que as narrativas orais, escritas, visuais e digitais lhe podem proporcionar. Em relação às narrativas digitais, podemos dizer que os textos multimodais nos aplicativos digitais literários, conhecidos também como aplicativos de contação de histórias (Prado et al; Goulart, 2019, Laudares, Goulart, 2019, Castro e Goulart, 2021), provocam, além do ouvir e do olhar, uma ebulição dos sentidos do leitor diante de um texto em movimento, que articula sons, imagens, escritas, expressões e outros modos de interação com o texto em tela.

Os sentidos aguçados e atentos permitem a esse leitor um encontro com o enredo da narrativa, seja esta oral, escrita, visual ou multimodal. Não há como prever quando nem como esse encontro dialógico acontecerá, mas há a possibilidade de oferecer as circunstâncias de leituras. Por isso, Larrosa (2003, p. 28) entende que somente “[...] es experiencia lo que (nos) pasa y lo que (nos) forma o (nos) transforma, la experiencia que hacemos al leer un texto es otra cosa que descifrar su código. Y eso, entre otras cosas, porque cada experiencia de lectura también suspende y hace estallar el código al que el texto pertenece”<sup>13</sup>.

### **Passo a palavra...**

Neste texto, procurei traçar uma reflexão sobre as palavras lidas, contadas ou narradas, digitalizadas como uma forma de manifestação de experiência da linguagem, como uma forma de expressão e de interação entre o sujeito-leitor e o texto. A arte narrativa como experiência dialógica não é estática, previsível, planejável, nem mesmo traz a certeza da aceitabilidade, mas antes caracteriza-se por ser efêmera, imprevisível, não ensinada, nem reproduzida.

A experiência com a arte narrativa somente pode ser vivenciada por cada leitor-ouvinte, leitor-visual ou leitor-digital. Por isso, é considerada um encontro entre sujeitos

---

<sup>12</sup> Cf. “sendo que não pode antecipar-se o resultado, a experiência de leitura é intransitiva: não é o caminho para um objetivo previsto, em direção a um objetivo que é conhecido de antemão, senão que é uma abertura para o desconhecido, para o que não é possível antecipar nem prever” (tradução da autora).

<sup>13</sup> Cf. “é experiência o que (nos) passa e o que (nos) forma ou (nos) transforma, a experiência que fazemos ao ler um texto é outra coisa que decifrar seu código. E isso, entre outras coisas, porque cada experiência de leitura também suspende e faz estalar o código a que o texto pertence” (tradução da autora).



produtores de linguagem, como um aspecto fundamental de sua natureza, em que se pode “[...] defini-la como uma troca de significações ‘à moda da eternidade’. Utilizo a palavra eternidade para falar de um tipo de situação que nunca sai de moda, por assim dizer” (Machado, 2004, p. 34).

Este encontro pode ser comparado a uma dança de palavras que se deixam mover pela leveza melódica do contexto narrativo ou na exuberância da voz de um narrador apaixonado. Podemos aprimorar nosso ritmo e gingado harmônico quando, a cada contato com a narrativa, o leitor retoma passos, revive movimentos, refaz ações interiores (como refletir, questionar, selecionar, comparar, selecionar etc.) na busca de uma experiência sensível com o narrado. Por ter como característica a singularidade, não há como garantir que a cada narração ou contação de histórias ocorrerá uma interação dialógica, o que irá depender da relação dialógica estabelecida entre o leitor e o texto.

Nesse sentido, a percepção dessa dimensão dialógica requer do narrador/contador um olhar compreensivo diante do público, a fim de oferecer diferentes possibilidades de interação mais efetiva com o texto, tendo em vista que envolver-se com o texto é garantir que a atividade leitora não seja apenas mais uma naquele dia. Ao contrário, que seja única, que seja a experiência da dialogicidade, do encontro entre sujeitos da linguagem – um escritor e um leitor, um leitor-ouvinte, leitor-visual ou leitor-digital –, compreendendo essa ação na profundidade, visto que “La experiencia sería lo que nos pasa. No lo que pasa, sino lo que nos pasa. Nosotros vivimos en un mundo en que pasan muchas cosas” (Larrosa, 2003, p. 28)<sup>14</sup>.

Uma experiência que traz como façanha a ação mobilizadora de relações e interações entre sujeitos por meio da linguagem, de modo que provoca outras ações e sentimentos. Isso porque “[...] es dócil condición la palabra, lo muestra en su despertar cuando indecisa comienza a brotar como un susurro en palabras sueltas, en balbuceos, apenas audibles, como un ave ignorante, que no sabe dónde ha de ir, más que se dispone a levantar su débil vuelo” (Zambrano, 1986, p. 8)<sup>15</sup>.

Dessa forma, as narrativas oral, escrita, visual ou multimodal como arte da experiência dialógica trazem essa beleza do levantar de um voo, o qual pode começar

---

<sup>14</sup> Cf. “A experiência seria o que nos passa. Não o que passa, mas o que nos passa. Nós vivemos em um mundo em que passam muitas coisas” (tradução da autora).

<sup>15</sup> Cf. “[...] é dócil a condição da palavra, ao mostrar em seu despertar quando indecisa começa a brotar como um sussurro em palavras soltas, em balbucios, apenas audíveis, como uma ave ignorante, que não sabe aonde há de ir, mas que se dispõe a levantar seu débil voo” (tradução da autora).



timidamente, com o enfrentamento da pressão atmosférica, dos ventos impetuosos, de tempestades, em similaridade às superações das limitações externas e internas de cada leitor, leitor-ouvinte, leitor-visual ou leitor-digital, no entanto as palavras narradas/contadas, lidas ou visualizadas conduzem às expressividades da linguagem que, muitas vezes, não são audíveis nem visíveis, pois o narrador ou contador compartilha silêncios, olhares, gestos e sentimentos que provocam outros voos mirabolantes.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas, volume I*. Magia e Técnica, Arte e Política, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BORTOLIN, Sueli. *Mediação oral da literatura: a voz do bibliotecário lendo ou narrando*. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (org.) *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001.
- CASTRO, Ana Elysa Bastos; GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Das narrativas digitais à produção de narrativas orais: motivações a partir do aplicativo “Inventeca”. *Revista Humanidades e Inovação*, v.8, n.49, p. 111-124, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/4939> Acesso em: 10 mar. 2026.
- CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSCARELLI, Carla; GOMES, Fernando. Leitura digital. In: ARAUJO, Mônica Daisy Vieira; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MORAIS, Ludymilla Moreira. (orgs.). *Termos e ações didáticas sobre cultura escrita digital [recurso eletrônico]: nepced na escola - Belo Horizonte: UFMG /FaE / Ceale / NEPCED*, 2022.
- FIORIN, José Luiz de. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.



GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; LOBO, Dalva de Souza. Nas (in)definições de livro, leitor e leitura: uma multiplicidade de espaços e sentidos. *Revista Leitura*, Maceió, Número Regular vol. 2, n. 56, p. 05-25, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/2325> Acesso em: 10 dez. 2021.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Leitura literária e contação de histórias em questão: o que ler? como ler? por que ler para crianças pequenas? In: BUSO, Ayane Carolina de L.; SILVA, Elaine Martins; COSTA, Elenice Ribeiro S., NOGUEIRA, Franciele Oliveira de A., ROCHA, Juliano Guerra; FERREIRA, Poliana Boel; VIEIRA, Raquel S. Faria; SILVA, Tatiana Mortosa. *Leitores e Escritores na Educação Infantil*. Jundiaí: Paco Editorial, p. 21-36, 2018.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Apresentação – Literatura Infantil Digital: entre práticas de leitura e narrativas digitais. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v.37, n.75, p. 13-18, 2019. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/issue/view/26> Acesso em: 13 nov. 2025.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Narrativa visual: a paisagem estética e literária do livro de imagem. *Revista Graphos*, vol. 26, n.3, p. 298-316, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/71010>. Acesso em: 20 set. 2025.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. *Leitura, leitura literária e ensino: representações discursivas da década de 1980*. Lavras: Editora UFLA, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufla.br/items/33723130-f850-4d52-89d8-f4ccd2cd5439>. Acesso em: 20 mai. 2025.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, p. 107-116, 1996.

LARROSA, Jorge. Experiencia y narración. *Revista Educación y Pedagogía*, Medellín, Colombia, vol. 18, p. 01-05, 2006.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiencia y formación. In: LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*. México: FCE, 2003.

LARROSA, Jorge. Notas sobre experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 14 nov. 2025.

LAUDARES, Ellen Maira Alcantara; GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Narrativas digitais: a palpitante forma de contar histórias. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v. 37, n. 75, p. 115-135, 2019. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/751>. Acesso em: 14 nov. 2025.



MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

NAVES, Ludmila Magalhães. *Educação para/do olhar: a dupla representação da ilustração nos livros de imagens de Marcelo Xavier*. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação). Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2019.

PRADO, Ana Lúcia et al. Narrativas digitais: conceitos e contextos de letramento. RIAEE – *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 12, n. esp. 2, p. 1156-1176, ago./2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10286> Acesso em: 13 nov. 2025.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RAMOS, Graça. *As imagens nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ZAMBRANO, María. *Claros del bosque*. Barcelona: Editorial Seix Barral, S. A., 1986.



## **Narrativas como arte de la experiencia dialógica: entre verbal y multimodal**

**RESUMEN:** Al considerar que la lectura se produce de manera amplia y dinámica, el lector, al entrar en contacto con el texto -oral o escrito-, por lo tanto, mediado o no por un narrador/narrador, establece una relación de proximidad, creada a partir de la experiencia de acción dialógica entre el sujeto-lector (lector-oyente/ lector-visual/ lector-digital) y la narrativa (oral, escrita, visual o multimodal). Ante ello, este ensayo pretende reflexionar sobre la narrativa como arte de la experiencia dialógica, a partir de la concepción del lenguaje como interacción verbal, en la perspectiva bakhtiana, y de la experiencia, como lo que nos pasa, según Jorge Larrosa. La reflexión señala que la narración oral, cuando se ve reforzada por la acción de un narrador/narrador, puede crear condiciones para que ocurra una experiencia dialógica entre el lector-oyente y la narración. Una experiencia que se caracteriza por la acción movilizadora de las relaciones e interacciones entre sujetos a través del lenguaje, capaz de formar y transformar a este lector.

Palabras clave: narrativas; narración; narrador.

## **Narratives as an art of dialogical experience: between verbal and multimodal**

**ABSTRACT:** By considering that reading happens in a broad and dynamic way, the reader, when coming into contact with the text – oral or written –, therefore, mediated or not by an accountant/narrator, it establishes a close relationship, created from the experience of dialogical action between the subject-reader (listener reader / visual reader/ digital reader) and narrative (oral, written, visual or multimodal). In view of this, this essay aims to reflect on narrative as an art of dialogical experience, based on the conception of language as verbal interaction, in the Bakhtinian perspective and of experience, as passes to us, second Jorge Larrosa. The reflection points out that the oral narrative, when enhanced by the action of a storyteller/narrator, can create conditions for a dialogical experience to occur between the reader-listener and the narrative. An experience that is characterized by the mobilizing action of relationships and interactions between subjects through language, capable of forming and transforming this reader.

Keywords: narratives; storytelling; narrator.